

AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: A CONSTRUÇÃO DE BRINQUEDOS COM MATERIAIS ALTERNATIVOS EM CENA.

João Augusto Galvão Rosa Costa

Universidade Federal Fluminense, galvao.uff@hotmail.com.

Resumo: Este trabalho, parte do cotidiano das aulas de Educação Física com as turmas 51 e 52 da E.M. Cora Coralina, localizada no Município de Duque de Caxias. Problematiza o processo de construção de brinquedos a partir de materiais alternativos com turmas de Educação Infantil. Teve por objetivo compreender como as crianças se apropriam do brinquedo nas aulas de Educação Física na Educação Infantil a partir de estratégias pedagógicas utilizadas para problematização organizada pelo professor. Através das reflexões, discussões realizadas e desenvolvimento das atividades entendemos que os alunos se apropriaram do brinquedo pelas categorias da imaginação, imitação, representação e reinvenção do brincar, pois o processo de (re) construção materializou diversos conteúdos dialogados no cotidiano das aulas.

Palavras-chave: Educação Física escolar, Educação Infantil, Brinquedo.

Introdução

Podemos não lembrar das experiências, mas a Educação Infantil é uma etapa que vivenciamos no processo de escolarização. As rotinas da sala de aula, o recreio, a entrada, a saída da escola, as atividades direcionadas pelos professores, os eventos pedagógicos, a convivência com sujeitos de outras faixas etárias começam a ser percebidas e compreendidas pelas crianças.

Corroboramos com o entendimento de Barbosa (2008) visto que rotina seria uma categoria pedagógica organizada pelos profissionais da educação infantil que estabelecem estratégias, pensando no emprego das relações com o tempo e espaço escolar. Nesse sentido, pensar a rotina e o cotidiano são fundamentais na constituição desse trabalho.

O cotidiano como uma categoria de análise fornece sentidos, significados, fontes, percepções, sensações, emoções, discussões e reflexões. Segundo Certeau (2005) “o cotidiano está ligado há aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior” (p. 31). Logo, trazer à tona as questões vivenciadas no processo de ensino, seja nos espaços formais e não formais, contribuem para a ampliação e reconstrução das práticas pedagógicas.

Compreendemos que a Educação Infantil é a primeira etapa da educação básica e que a Educação Física, integrada à proposta pedagógica da escola, é um componente curricular obrigatório na educação básica pautada na Lei de Diretrizes e Bases LDBEN Nº 9394/96. (BRASIL, 1996).

(83) 3322.3222

contato@ceduce.com.br

www.ceduce.com.br

Assim, deve fazer parte do trabalho integrado ao currículo escolar, dialogando com as questões que as crianças apresentam durante as aulas, bem como reflexões perante as práticas pedagógicas desenvolvidas, novos olhares e metodologias que oportunizem diversificadas intervenções.

Nesse sentido, parto do cotidiano como professor de Educação Física na E.M. Cora Coralina, localizada no bairro Gramacho (Duque de Caxias). Leciono nessa Instituição desde do ano passado (2016) para turmas da Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Na Educação Infantil, em média cada turma possui 20 alunos com idades entre 4 e 5 anos. A proposta de trabalho no primeiro bimestre desse ano era problematizar a temática corpo, pensando a imagem e consciência corporal desses sujeitos.

Contudo, ao começar as atividades na quadra, observei que os alunos das turmas 51 e 52, procuravam pedras e pedaços de plantas de forma imediata para brincar. Entretanto, essa questão comprometeu o andamento das aulas e o desenvolvimento do trabalho, visto que os alunos acabavam ficando dispersos, dificultando a organização para e durante as atividades, bem como a disputa agressiva entre eles por esses objetos, causando conflitos percebidos no andamento das aulas.

Alguns até realizavam explorações com esses objetos como: jogar para cima, para o lado, chutar e jogar para o outro. As duas turmas possuem características como o comportamento agitado, o faz - de - conta e o egocentrismo. Surgiram reflexões como: Por que esses objetos chamam tanta atenção dessas crianças?, Essas crianças reproduzem o que veem no seu cotidiano?, A estrutura da quadra de aula tem sido um espaço favorável nas aulas de educação física para a educação infantil?, A faixa etária em que esses alunos se encontram tem relação com a busca por esses objetos? Eles tem acesso apenas há esses tipos de objetos?.

A construção dos brinquedos surge no intuito de dialogar as características da turma e a **problemática** observada. Dessa forma, pensamos na seguinte pergunta: O brinquedo pode ser usado como conteúdo ou recurso pedagógico para as aulas de Educação Física na Educação Infantil?. O artigo tem como **objetivo** compreender como as crianças se apropriam do brinquedo nas aulas de Educação Física na Educação Infantil a partir de estratégias pedagógicas utilizadas para problematização organizada pelo professor.

Pensando nas implicações no uso dos brinquedos.

A partir dessa pergunta inicial, instauramos um processo de busca de autores e documentos que discutem e justificam o trabalho com o brinquedo. Freire (1997) atenta em seus estudos à necessidade vivenciar a infância e suas

implicações na vida da criança, pois na maioria das vezes encara-se a criança uma tábua rasa que não sabe de nada e que a partir do processo de escolarização irá aprender as ciências.

Encontramos nos Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (RCNEI) itens que falam sobre o cuidar, o estímulo à brincadeira, ao movimento, ao imaginário, orientações didáticas, objetivos, conteúdos, a organização do espaço/tempo, seleção de conteúdos e os recursos materiais, onde:

Os brinquedos constituem-se, entre outros, em objetos privilegiados da educação das crianças. São objetos que dão suporte ao brincar e podem ser das mais diversas origens materiais, formas, texturas, tamanho e cor. Podem ser comprados ou fabricados pelos professores e pelas próprias crianças; (...) quando inventados e confeccionados pelas crianças em determinada brincadeira e durar várias gerações, quando transmitidos de pai para filho. (...) as instituições devem integrá-los ao acervo de materiais existentes nas salas, prevendo critérios de escolha, seleção e aquisição de acordo com a faixa etária atendida e os diferentes projetos desenvolvidos na instituição. (p. 71).

Ratificamos a importância do olhar e o estabelecimento desses aspectos ao trabalharmos nas aulas de educação física escolar a temática do brinquedo na Educação Infantil. O estímulo à criatividade dos alunos é uma perspectiva crucial na construção dos brinquedos. Segundo Taffarel (1985) o desenvolvimento da criatividade liga-se ao clima de liberdade, decisões em aberto com possibilidades de divergência, respeito aos pontos-de-vista individuais, criar canais de comunicação e não obstáculos, métodos de trabalho flexíveis, trabalho em pequenos grupos, para facilitar a comunicação entre os alunos e trabalhos com objetividade.

No campo das relações, a construção coletiva exige estratégias que facilitem a organização do espaço, bem como trazer o que os alunos compreendem como brinquedo, a disposição dos alunos, o interesse da turma em construir e a relação criança/objeto/brinquedo, sua criação e como estabelece essa relação. Freire (1997) menciona a criança como um especialista em brinquedo, ou seja, possui essa característica de “dar vida” e criar a partir da sua imaginação.

Concordamos com Varotto; Silva (2004), Junior; Tavares (2010), Freitas; Stigger (2015) ao incentivarem a reconstrução e construção de objetos para brincar nas aulas de educação física escolar, favorecendo uma variedade de ações criativas e simbólicas. Embarcar nessa pesquisa acerca dos brinquedos é um processo que exige metodologia, observação, reflexão, percepção e sensibilidade.

Quem fala ou já falou do brinquedo?

Pela definição de Ferreira (1999) a palavra “brinquedo” seria: um instrumento lúdico que auxilia na diversão, objeto que serve para criança brincar, entreter-se, divertir-se. Uma tampinha de garrafa se torna uma bola, e ainda uma garrafa, um pino para jogar boliche a partir do sentido e significado, dado pelo sujeito que o chuta, arremessa, experimenta e o vive.

Diversos autores na Educação Física e Educação defendem o Jogo, Brinquedo e Brincadeira como pilares da infância, discutindo suas implicações nessa fase da vida humana. Dentre eles, destacamos: Benjamin (1984), Oliveira (1986), Oliveira (1989), Brougère (2004), Huizinga (2007), Kishimoto (2008) que problematizam o jogo e suas peculiaridades, o brincar em si, o faz- de- conta, a imaginação, as regras dos jogos/brincadeiras, seus sentidos e significados, a capacidade de mudá-las/adaptá-las ao longo dos jogos, os tipos de brincadeiras e o brinquedo. Vamos nos ater, especificamente, aos autores que em suas produções apresentam reflexões sobre o brinquedo.

Segundo Kishimoto (2008) o brinquedo pode ser compreendido como objeto, suporte da brincadeira que supõe uma relação íntima com a criança e uma indeterminação quanto ao uso das regras. O faz - de - conta, o imaginário, possibilita à criança tornar-se o que quiser, seja um objeto, animal, um sentimento e utilizar o brinquedo da forma que lhe convém.

Além desse aspecto, destaca os tipos de brinquedos, pois o brinquedo educativo usado em situações lúdicas criadas pelo adulto pode favorecer a aprendizagem. Ou seja, a intenção dada pode favorecer qualitativamente o trabalho, visto que ao se ligar aos conhecimentos dos alunos potencializa sua ação no processo de ensino e aprendizagem.

Para Brougère (2004) esse autor, o brinquedo possui a característica de ser um objeto portador de significados rapidamente identificáveis, remetendo a elementos legíveis do real ou do imaginário da criança. Os brinquedos podem ser definidos por duas maneiras: pela brincadeira ou pela representação social, visto que para Brougère (2004):

No primeiro caso, o brinquedo é aquilo que é utilizado como suporte numa brincadeira; pode ser um objeto manufaturado, um objeto fabricado por aquele que brinca, uma sucata, (...).No segundo caso, o brinquedo é um objeto industrial ou artesanal, reconhecido como tal pelo consumidor em potencial, em função de traços intrínsecos (aspecto, função) e do lugar que lhe é destinado no sistema social de distribuição de objetos, ou seja, um projeto adulto destinado às crianças e que tais objetos são reconhecidos como propriedade da criança, oferecendo-lhe a possibilidade de usá-los conforme a sua vontade, no âmbito um controle adulto limitado. (p.63).

É considerável a intensidade do processo de socialização entre o brinquedo e a criança nos dois sentidos apresentados pelo autor.

Na medida em que são fabricados e pensados por adultos, os papéis sociais acabam sendo simbolizados nesses objetos. As imagens criadas, por exemplo, a relação materna com as bonecas ou os super- heróis que o devem proteger a todo custo. A problemática da influência da Indústria Cultural na cultura infantil é discutida por Oliveira (1986) que realiza uma análise de como as crianças são consumidoras desses artefatos e além de dissertar acerca da existência de uma cultura para a criança ou uma cultura da infância.

Esse outro olhar insere a perspectiva de que existem grandes/pequenos empresários que investem na produção de um material voltado para a infância, caracterizando o brinquedo como mercadoria. Os processos de produção e reprodução são destacados pelo autor ao longo do livro, representando em grande parte os investimentos de países dominantes em países dominados para a fabricação dos brinquedos.

Interessante pensar na evolução da sociedade que se insere no desenvolvimento desses objetos destinados em sua maioria para as crianças. Benjamin (1984) destaca que nos primórdios, os brinquedos não eram inventados por fabricantes especializados, mas que nasceram de oficinas de entalhadores de madeira, fundidores de estanho. Ratifica que a função de fabricar os brinquedos não era de um único tipo de indústria. A divisão dos processos era causada pela diferença dos materiais usados, o que acabava encarecendo a mercadoria.

Percebemos que o brinquedo é reflexo de diversificados contextos em nossa sociedade e que desconstruí-lo e reconstruí-lo favorece o reconhecimento de outros processos culturais, econômicos e sociais. Inverter a lógica de cima para baixo em sua construção é o movimento que defendemos nesse trabalho, visto que a criança pode e deve construir seu próprio brinquedo.

Metodologia

A pesquisa se configura em uma abordagem qualitativa (COSTA; COSTA, 2012). Elegemos a observação participante como instrumento de coleta de dados. Em Ludke e André (1986) a observação participante se encerra na participação real do conhecimento na vida da comunidade, do grupo ou de uma situação determinada. Nesse caso, o observador assume, pelo menos até certo ponto, o papel de um membro do grupo. Optamos por inserir imagens no texto, tecendo comentários da realização, desdobramentos e significados captados ao longo das aulas.

Baseado nas reflexões de Ludke e André (1986) na observação participante devemos realizar algumas etapas que dão consistência aos dados coletados. Estruturamos a observação a partir de passos que estiveram relacionados às características dos sujeitos, formas de interação com os objetos e com o espaço, a verbalização e situações apontadas pelos alunos e o comportamento dos sujeitos durante a situação vivenciada.

Discussão e Resultados

Realizamos um diagnóstico nas turmas, através de desenhos para perceber quais eram os referenciais de brinquedos e o que as crianças entendiam como brinquedo. Segundo Smolka (2009) “desenhar é um tipo predominante de criação na primeira infância, pois enquanto desenha a criança pensa no objeto que está representando, como se estivesse falando dele” (p.106).

Figura 1: Desenhando brinquedos



Fonte: próprio autor

Figura 2: Meu pai



Fonte: próprio autor

Na figura 1, a palavra brinquedo inspirou os alunos a desenharem também no quadro imediatamente após a escrita do professor. A intenção foi contextualizar e criar um ambiente brincante. Na figura 2, percebemos que muitos alunos compreendem os familiares como brinquedo. Os alunos verbalizaram sobre este aspecto. “Tio, eu desenhei meu pai [...] eu brinco muito com ele”. Essa relação pode ser pensada a partir do viés da imaginação, sendo uma categoria de análise e uma característica fundamental inserida nas discussões de Brougère (2004), Huizinga (2007) e Khishimoto (2008) para pensar a infância.

Após esse diagnóstico, estabelecemos que seria interessante trazer para os alunos brinquedos que eles não conheciam ou não tivessem ideia que poderiam ser construídos. Durante o mês de agosto, aplicamos a proposta nas turmas 51 e 52. Construímos cerca de 5 brinquedos dentre eles: Bola de jornal, Garrafabol, Avião de jornal, Rabo do foguete, Peteca.

A bola de jornal foi o primeiro brinquedo construído com as turmas. Foram separados folhas de jornais e rolos de barbante. Cada aluno recebeu duas ou três folhas e um pedaço de barbante para amarrar a bola. A opção de construir em sala se deu pela questão do calor e da quadra de aula

ser aberta, ficando coberta totalmente pelo sol no horário das aulas com essas turmas.

Figura 5: Bola de jornal (51)



Fonte: próprio autor

Na figura 5, os alunos tinham acabado de receber a folha de jornal e já estavam manipulando. A verbalização dos alunos voltou - se para o fato dos mesmos imaginarem que o jornal pudesse ser um “cobertor”. Dialogando com Brougère (2004) entendemos que o aspecto material do brinquedo sendo um fator preliminar à própria significação fez-se presente nesse sentido, visto que para esse autor se o brinquedo tem um determinado significado é porque ele é dotado de uma determinada forma.

Figura 6: Bola de Jornal



Fonte: próprio autor

Figura 7: Bola de jornal (52)



Fonte: próprio autor

Na turma 52, a figura 7 nos remete há um contexto em que os alunos demonstraram falas do tipo: “Tio, não consigo amassar o jornal”, outros disseram que “nunca tinham amassado jornal” e, além disso, precisaram de ajuda para terminar o brinquedo. Consideramos que esses estímulos realizados devem fazer parte da progressão pedagógica ao se construir os brinquedos, principalmente por favorecer novas experimentações as crianças.

Figura 8: Bola de Jornal (52)



Fonte: próprio autor

Na figura 8, fundamentamos a partir de Brougère (2004) que situa a manipulação dos brinquedos permite manipular os códigos culturais, sociais e projetar ou exprimir, por meio do comportamento. Corroborando com esse contexto Khishimoto (2008) fala que o brinquedo surge como um pedaço da cultura colocado ao alcance da criança como um parceiro, bem como sua manipulação que leva a criança a ação, representação, o agir e a imaginação. O segundo brinquedo construído foi o rabo do foguete. Essa denominação foi apresentada pelos alunos da turma 51, visto que ao manipulá-lo perceberam que podiam jogar para cima parecendo um foguete.

Figura 9: Rabo do foguete (51)

Fonte: próprio autor

Figura 10: Rabo do foguete (51)

Fonte: próprio autor

Foram distribuídas duas folhas jornal partidas ao meio para cada aluno, fitas de papel crepom e um pedaço de barbante. Começamos dobrando o jornal, a fim de fazer um “bombom” de jornal, denominação verbalizada pelos alunos. A exploração do brinquedo estimulou a movimentação dos alunos. Vygotsky (1984) enfatiza a ação e o significado do brincar no sentido de que a criança não enxerga o objeto como ele é, ou seja, lhe confere um novo significado. Muitos giravam o rabo do foguete, jogavam para cima, outros arremessavam para longe e buscavam, enrolavam no corpo, colocavam no chão e pulavam. Esse fato também foi percebido na turma 52, como observaremos nas imagens à seguir:

Figura 11. Rabo do foguete (52)

Fonte: próprio autor

Figura 12. Rabo do Foguete (52)

Fonte: próprio autor

Para Oliveira (1989) os brinquedos industrializados são criados com o objetivo de inserir nas crianças formas de agir e pensar calcados na classe dominante, limitando os sentidos e significados que esses sujeitos poderiam criar com esses objetos. Fica evidente que essa intervenção incentivou a exploração em uma perspectiva criativa, reinventando as formas de manipulação. O terceiro brinquedo foi a peteca de jornal. Foram distribuídas folhas para cobrir e dar forma ao brinquedo.

Figura 13. Peteca de Jornal (51)**Figura 14. Peteca de Jornal (52)**



Fonte: próprio autor



Fonte: próprio autor

Durante o processo de construção os alunos colocaram outro nome no brinquedo. As duas turmas associaram com o “ovo de páscoa”. Pensando com Brougère (2004) o conceito de representação nos diz que “manipular brinquedos remete, entre outras coisas, a manipular significações culturais originadas numa determinada sociedade” (p.43). Logo, o sentido dado pelos alunos a partir do contato com esse brinquedo, reafirma a atribuição ao significado e a representação que esse brinquedo gerou para eles naquele momento.

Em Piaget (2007) temos as etapas do desenvolvimento humano. No estágio pré-operatório umas das suas características é a dimensão simbólica. A criança nesse período manifesta a linguagem, dando um salto no contexto do seu desenvolvimento. Esse aspecto pode ser observado através de sua verbalização e ação.

Na figura 13, a afetividade manifestada pelos alunos ao longo das atividades foi observada. Encontramos trabalhos no campo da educação física nas aulas de educação infantil que discutem essa questão como: Nicoletti et. al (2013), Vieira; Alves; Rodrigues (2013) e Palma; Conti (2016). Essas produções destacam a importância e o olhar para a questão afetiva manifestada pelos alunos, no que tange as emoções, sentimentos bem como ser uma fonte de pesquisa não só na Educação Infantil, mas em todas as etapas da educação básica.

O quarto brinquedo construído foi o Garrafabol. A construção se deu a partir da formação de uma bola de jornal com mais ou menos duas folhas e uma garrafa pet cortada ao meio, visto que aproveitamos a parte de cima da garrafa com tampa.

Figura 14: Garrafabol (51)



Fonte: próprio autor

Figura 15: Garrafabol (52)



Fonte: próprio autor

Na figura 14, podemos observar o brinquedo sendo construído pelos alunos. Nesse dia, a quadra estava molhada o que não possibilitou a vivência neste espaço, porém realizamos em sala. Dessa forma, trazemos através de Oliveira (1989), uma discussão relacionada ao fazer o brinquedo, pois:

Através do objeto lúdico que constrói, o artesão anônimo de brinquedo se transforma em produtor de cultura. Acrescenta a ele o caráter lúdico, a alegria e o encantamento. (...). Nega-se a se curvar ante as determinações e, além de tudo, ainda se diverte muito com isso. (p.25).

Esse pensamento corrobora com o sentido e significado da construção desses brinquedos no contexto apresentado. Cada aluno construiu sua bola de maneira diferente, dando um toque diversificado e pessoal. Reinventou e rompeu com os padrões de uma sociedade que insere valores e normas nesses objetos.

O último brinquedo construído foi o Avião de jornal. Esse brinquedo foi considerado pelos alunos como o mais fácil de ser construído. Sua constituição se dá através de dobraduras que vão dando forma ao avião. Primeiro dobramos a folha ao meio, cobrindo o outro lado, depois abrimos nosso “livro” e fazemos uma “orelha”. Após, dobramos para formar a asa e dar o acabamento ao brinquedo.

Figura 16: Avião de Jornal (51)



Fonte: próprio autor

Figura 17: Avião de Jornal (52)



Fonte: próprio autor

Na figura 16 e 17, está representado um momento de exploração livre por parte dos alunos como foi realizado em todas as aulas. Essas imagens colocam na roda a discussão de como a brincadeira está inserida no cotidiano de escolares da Educação Infantil. O direcionamento dado pelos alunos com esse material foi sentido de jogar para diversas direções, correr pela quadra manuseando o brinquedo e imitar com o corpo um avião.

Para Khishimoto (2008), a brincadeira traz um sentido fundamental para o desenvolvimento da identidade e da autonomia. Desde muito cedo as crianças se comunicam por gestos, sons e mais tarde a imaginação. A criança se comunica e se expressa de diversas formas como observamos nas imagens, seja imitando o brinquedo construído ou usando o avião como um automóvel. O faz - de - conta foi

constatado a partir da verbalização dos alunos nessa aula a partir de falas como: “Tio, olha como posso voar”, “Tio, eu sou um avião”. Essa perspectiva vai de encontro aos papéis sociais que a brincadeira leva no contexto da vida diária dos alunos e contribuição para o desenvolvimento infantil.

Conclusões

Refletimos e dialogamos sobre o ponto de vista de autores da Educação e Educação Física no que tange o brinquedo e o processo de intervenção na prática pedagógica exemplificada.

Frente a essa experiência e as respostas significativas das crianças e agora compreendendo o potencial do brinquedo no desenvolvimento dos alunos/as perguntamos: O brinquedo pode ser usado como conteúdo ou recurso pedagógico para as aulas de Educação Física na Educação Infantil?

Entendemos que o brinquedo foi utilizado como conteúdo das aulas de educação física, visto que a descrição do processo demonstrou que o uso está para além do seu sentido utilitário. Não construímos para vivenciar, mas construímos vivenciando. Foi na construção coletiva que trabalhamos valores, o movimento, a compreensão do espaço do outro, a criatividade, o brincar e a corporeidade.

Categorias como a imaginação, a imitação, o simbólico, a representação, o faz-de conta e reinvenção do brincar surgiram de maneira recorrente nas aulas através da verbalização dos alunos, o comportamento e interação com o brinquedo e que conversaram com essa perspectiva de outros conteúdos ligados aos saberes e práticas dessas crianças no diálogo com a construção dos brinquedos, favorecendo um ambiente brincante.

Referências

BARBOSA, M.C.S. **Por amor e por força: Rotinas na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

BRASIL, Lei de diretrizes e B. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial curricular nacional para a educação infantil / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998.

BENJAMIN, W. **Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação**. 1ed, São Paulo: Summus, 1984.

BROUGÈRE, G. **Brinquedo e Cultura**. 5.ed, São Paulo: Cortez, 2004.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. 1ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

COSTA, M. A. F; COSTA, M. F. B. **Projeto de pesquisa: entenda e faça**. 3 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

FERREIRA, A.B de H. **Novo Aurélio Século XXI**: dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FREIRE, J. B. **Educação de corpo inteiro**: teoria e prática da educação física. São Paulo: Scipione, 1997.

FREITAS, M. V; STIGGER, M, P. As brincadeiras nas aulas de educação física e seus significados para as crianças. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 27, n. 45, p. 74-83, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/38729>. Acesso em: 12/02/2018.

HUIZINGA, J. **Homoludens**: o jogo como elemento da cultura. 5 ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

JUNIOR, M, S; TAVARES, M. Jogo, brinquedo e Educação Física. **Efedepportes**, Buenos Aires, v.15, n.144, p.1, 2010. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd144/jogo-brinquedo-e-brincadeira-em-educacao-fisica.htm>. Acesso em: 09/01/2018.

KISHIMOTO, T. M. O jogo e a educação infantil. In: **Jogo, brincadeira e a educação**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo, Editora Pedagógica e Universitária, 1986.

NICOLETTI, L.P; GOMES, V.L.F. D; ROZALES, F.T.H; CARRASCO, A.D; BRAGA,M. DE N. Educação Infantil, Educação Física e afetividade. **Efedepportes**, Buenos Aires, v.18, n.184, p. 1-1, 2013. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd184/educacao-infantil-educacao-fisica-e-afetividade.htm>. Acesso em: 10/02/2018.

OLIVEIRA, P.de S. **O que é Brinquedo?**. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

OLIVEIRA, P.de S. **Brinquedo e Indústria Cultural**. Rio de Janeiro, 1986.

PALMA, A. P.T. V; CONTI, L.C.F DE. Educação física na escola e a afetividade a construção do autorespeito. **Educação**, Santa Maria, v. 41, n. 1, p. 237-250, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/14526>. Acesso em 11/02/2018.

PIAGET, J. **Epistemologia Genética**. Tradução: Álvaro Cabral. 3ª ed. Martins Fontes: São Paulo, 2007.

SMOLKA, A. L. B. **A Imaginação e Criação na Infância**: ensaio psicológico. São Paulo: Ática, 2009.

VAROTTO, A, M; SILVA, M, R. DA. Brinquedo e indústria cultural: sentidos e significados atribuídos pelas crianças. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 4, n.23, p. 169-190, 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2034> . Acesso em: 23/01/2018.

VIEIRA, M. B; RODRIGUES, L.A. R; ALVES, E.M. A. DE FREITAS. A influência no desenvolvimento sócio-afetivo na aprendizagem de escolares na Educação Física Infantil. **Efedepportes**, Buenos Aires, v.18, n.182, p.1, 2013.

Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd182/desenvolvimento-socio-afetivo-na-educacao-fisica.htm>. Acesso em 12/03/2018.

VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes. 1984.

TAFFAREL, C.N.Z. **Criatividade nas aulas de Educação Física**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1985.